

IAN MCEWAN

Amsterdam

Tradução

Jorio Dauster


COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1998 by Ian McEwan

Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Amsterdam

Capa

<?>

Imagem de capa

<?>

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Renata Del Nero

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McEwan, Ian

Amsterdam / Ian McEwan ; tradução Jorio Dauster —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Amsterdam.

ISBN 978-85-359-2112-0

1. Ficção inglesa I. Título.

12-05100

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Do lado de fora da capela do crematório, dois ex-amantes de Molly Lane aguardavam dando as costas para a fria aragem de fevereiro. Tudo havia sido dito antes, mas disseram outra vez.

“Ela foi apanhada totalmente de surpresa.”

“Quando percebeu, já era tarde.”

“Chegou rápido demais.”

“Coitada da Molly.”

“É...”

Coitada da Molly. Começou com um formigamento no braço ao erguê-lo na porta do Dorchester Grill para fazer parar um táxi: a sensação jamais foi embora. Poucas semanas depois, tartamudeava ao dar nome às coisas. *Parlamento*, *química* e *hélice* eram perdoáveis, mas não *cama*, *creme* e *espelho*. Só após o desaparecimento temporário de *rosmarino* e *bresaola* buscou um aconselhamento médico, na esperança de ser tranquilizada. Em vez disso, recomendaram-lhe que fosse fazer exames e, em certo sentido, ela nunca mais voltou. Em pouco tempo a vibrante Molly se viu confinada num quarto de doente, prisioneira de George,

seu marido casmurro e possessivo. Molly, crítica de gastronomia, mulher bela e espirituosa, fotógrafa, a ousada jardineira que fora amada pelo ministro das Relações Internacionais e ainda era capaz de dar um salto-mortal de lado aos quarenta e seis anos de idade. A velocidade de sua queda na loucura e na dor havia se tornado motivo de mexericos generalizados: a perda de controle das funções fisiológicas e, com isso, de todo o senso de humor, seguida do mergulho progressivo na confusão mental intercalado por episódios de violência infrutífera e gritos abafados.

A visão de George saindo da capela fez com que os amantes de Molly se afastassem mais pelo caminho de cascalho salpicado de ervas daninhas. Foram parar no meio de canteiros ovais de rosas com uma tabuleta que dizia JARDIM DA RECORDAÇÃO. Cada roseira tinha sido cruelmente cortada alguns centímetros acima do chão gelado, prática que Molly costumava deplorar. O gramado estava coalhado de guimbas amassadas, pois as pessoas ali se reuniam esperando que, terminada a cerimônia de cremação anterior, seus participantes abandonassem o prédio. Andando de um lado para outro, os dois velhos amigos retomaram a conversa que, de formas variadas, haviam tido cinco ou seis vezes antes mas que lhes trazia mais consolo do que cantar algum hino religioso.

Clive Linley tinha conhecido Molly em 1968, quando eram estudantes e moravam numa casa caótica no Vale of Health na qual as pessoas entravam e saíam constantemente.

“Uma maneira terrível de se despedir da vida.”

Ele observou seu hálito vaporizado se perder no ar cinzento. A temperatura na área central de Londres era de onze graus abaixo de zero. Onze abaixo. Havia algo extremamente errado com o mundo cuja culpa não podia ser atribuída nem a Deus nem à Sua ausência. A primeira desobediência do homem, a Queda, uma figura caindo, um oboé, nove notas, dez notas.

Clive tinha o dom do ouvido absoluto e as ouviu descendo a partir da nota sol. Não era necessário escrevê-las.

Proseguiu: “Quer dizer, morrer assim, sem estar consciente de nada, como um animal. Diminuída, humilhada antes de poder tomar providências ou mesmo se despedir. A coisa foi chegando sorrateiramente, e então...”.

Deu de ombros. Chegaram ao fim do gramado pisoteado e deram meia-volta.

“Ela teria se suicidado para não acabar assim”, disse Vernon Halliday. Viveram juntos durante um ano em Paris, em 1974, quando ele conseguiu o primeiro emprego na Reuters e Molly fazia uma coisa ou outra para a *Vogue*.

“Morte cerebral, e nas garras do George”, disse Clive.

George, o triste e rico dono de editoras que a idolatrava e, para surpresa de todos, não fora abandonado por Molly embora ela sempre o maltratasse. Ambos olharam agora para onde ele se encontrava, perto da porta, recebendo os pêsames de um grupo de pessoas. A morte de Molly o fizera escapar do desprezo geral. Ele parecia haver crescido uns quatro a cinco centímetros, as costas estavam mais empertigadas, a voz ficara mais profunda, uma recém-descoberta dignidade estreitara seus olhos cúpidos e suplicantes. Recusando-se a mandá-la para uma clínica, havia cuidado dela pessoalmente. O que é mais importante, nos primeiros dias, quando as pessoas ainda queriam vê-la, George selecionava os visitantes. Clive e Vernon foram estritamente racionados porque se considerava que eles a excitavam e, mais tarde, a deprimiam por conta de seu estado. Outra figura masculina relevante, o ministro das Relações Internacionais, também era *persona non grata*. Os conhecidos começaram a cochichar, surgiram referências veladas em colunas sociais. E então tudo isso deixou de ser importante, ficou-se sabendo que ela estava horriavelmente mudada; ninguém queria vê-la assim e todos ficaram

felizes de que George lá estivesse para impedir as visitas. Clive e Vernon, no entanto, continuavam a ter prazer em odiá-lo.

Ao darem nova meia-volta, o celular tocou no bolso de Vernon. Ele se desculpou e deu um passo para o lado, deixando que o amigo seguisse sozinho. Clive apertou o sobretudo em torno do corpo e caminhou mais devagar. Devia haver agora mais de duzentas pessoas vestidas de preto do lado de fora do crematório. Em breve seria grosseiro não ir até onde estava George e lhe dirigir algumas palavras. Por fim a conquistara, quando ela já não reconhecia nem mesmo seu rosto no espelho. Nada pôde fazer em relação aos casos que ela teve, mas, no final, Molly foi toda sua. Clive estava perdendo a sensação nos pés e, ao bater com eles no chão, o ritmo lhe devolveu a sequência das dez notas cadentes, *ritardando*, um *cor anglais* e, em contraponto, violoncelos subindo baixinho num movimento espelhado. O rosto dela no espelho. O fim. Tudo que ele desejava naquele instante era o calor e o silêncio de seu estúdio, o piano, a partitura inacabada — e chegar ao fim. Ouviu Vernon dizer em despedida: “Muito bem. Reescreva o resumo de introdução e ponha na página quatro. Chego aí dentro de algumas horas”. E então disse a Clive: “Malditos israelenses. Temos que dar uma chegada lá”.

“Acho que sim.”

Em vez disso, porém, deram mais uma volta no gramado, porque, afinal de contas, lá estavam para se despedir de Molly.

Com um visível esforço de concentração, Vernon resistiu às ansiedades de seu escritório. “Ela era adorável. Lembra-se da mesa de sinuca?”

Em 1978, um grupo de amigos alugou uma grande casa na Escócia para passar o Natal. Molly e o homem com quem ela vivia na época, um Promotor da Rainha chamado Brady, fizeram uma encenação de Adão e Eva em cima de uma mesa de sinuca fora de uso, ele de sunga, ela de calcinha e sutiã, um fancho

servindo de cobra e uma bola vermelha de maçã. No entanto, a história que sobreviveu e constou na nota de falecimento de um jornal, sendo assim lembrada até por alguns que haviam testemunhado a cena, foi que Molly “dançou nua em cima de uma mesa de sinuca num castelo escocês”.

“Uma mulher adorável”, Clive repetiu.

Molly tinha olhado diretamente para ele ao fingir que moradia a maçã, rindo de um jeito lascivo enquanto mastigava, uma das mãos pousada no quadril saliente parodiando uma prostituta no melhor estilo do teatro de revista. Ele entendeu ser um sinal, aquele olhar fixo, e, tiro e queda, em abril estavam juntos outra vez. Ela se mudou para o estúdio em South Kensington e lá ficou até o fim do verão. Nessa época, a coluna que escrevia sobre restaurantes estava deslanchando, e foi também quando ela denunciou na televisão o guia Michelin como “o mau gosto invadindo a boa mesa”. Clive tivera então igualmente sua primeira grande chance, ao serem tocadas no Festival Hall as *Orchestral Variations*. Naquela ressurreição amorosa, Molly provavelmente não havia mudado, mas ele sim. Passados dez anos, aprendera o bastante para deixar que ela lhe ensinasse alguma coisa. Ele sempre pertencera à escola do quanto mais, melhor. Ela o instruiu sobre a sexualidade furtiva, a necessidade ocasional de permanecer imóvel. Fique parado, assim, olhe para mim, realmente olhe para mim. Nós somos uma bomba de efeito retardado. Ele tinha quase trinta anos, pelos padrões de hoje alguém que chegara tarde ao sexo. Quando ela encontrou um lugar para morar e fez as malas, ele a pediu em casamento. Ela o beijou e recitou pertinho de seu ouvido: *Tanto fez que se casaram/ Pra que ela não se fosse/ Mas os anos se passaram/ E acabou-se o que era doce*. Molly tinha razão, pois, quando ela se foi, ele se sentiu mais feliz do que nunca por estar sozinho, compondo em menos de um mês as *Three Autumn Songs*.

“Você aprendeu alguma coisa com ela?”, Clive perguntou de repente.

Em meados da década de 1980 Vernon também tivera sua segunda oportunidade, durante as férias passadas numa mansão na Úmbria. Naquele tempo, ele servia como correspondente em Roma do jornal onde agora era editor, sendo então um homem casado.

“Nunca me lembro da parte sexual”, ele respondeu após uma pausa. “Tenho certeza que era brilhante. Mas me lembro de que me ensinou tudo sobre cogumelos selvagens, como colher, como cozinhar.”

Clive presumiu que isso era uma evasiva e decidiu também não fazer confidências. Olhou na direção da entrada da capela. Teriam de ir até lá. Surpreendeu-se ao dizer com veemência: “Você sabe, eu deveria ter me casado com ela. Quando começou a afundar, eu a teria matado com um travesseiro ou algo assim, para que ninguém sentisse pena dela”.

Vernon riu enquanto conduzia o amigo para fora do Jardim da Recordação. “Fácil de dizer. Posso te ver compondo hinos para serem cantados pelos prisioneiros no pátio de exercícios, como aquela sufragista... Como é mesmo que ela se chamava?”

“Ethel Smyth. Eu ia fazer coisa bem melhor que as porcas que ela fez.”

Os amigos de Molly presentes ao funeral teriam preferido se reunir longe de um crematório, porém George deixara claro que não haveria nenhuma cerimônia religiosa. Não queria ouvir aqueles três ex-amantes compararem suas notas em público, do púlpito das igrejas de St. Martin ou St. James, ou mesmo trocando olhares durante a fala dele. Ao se aproximarem, Clive e Vernon foram envolvidos pela algaravia típica dos coquetéis. Não havia bandejas com taças de champanhe nem as paredes de um restaurante para lançar o som de volta, mas, exceto por isso, todos

poderiam estar participando de mais uma noite de autógrafos ou da inauguração de mais uma exposição. Tantos rostos que Clive nunca vira à luz do dia, com uma aparência terrível, tal qual cadáveres postos de pé para dar as boas-vindas à recém-morta. Revigorado por esse toque de misantropia, ele se moveu agilmente em meio à algazarra, ignorando seu nome ao ser chamado, afastando o cotovelo quando agarrado, até chegar ao lugar onde George conversava com duas mulheres e um velhinho encarquilhado com um chapéu de feltro mole e uma bengala.

“Está frio demais, temos que ir embora”, Clive ouviu alguém falar em voz alta, mas por enquanto ninguém conseguia escapar à força centrípeta de um evento social. Ele já se perdera de Vernon, laçado pelo proprietário de um canal de televisão.

Por fim Clive se viu apertando a mão de George num simulacro razoável de sinceridade. “Foi uma cerimônia maravilhosa.”

“Foi muito gentil de sua parte ter vindo.”

A morte de Molly o enobrecera. A postura grave e reservada não fazia realmente o seu gênero, que no passado tinha sido um misto de carência e melancolia; ansioso para que gostassem dele, mas incapaz de aceitar a amizade como algo normal. O fardo das pessoas imensamente ricas.

“E, me desculpe”, ele acrescentou, “essas são as irmãs Finch, Vera e Mini, que conheciam Molly desde os tempos de Boston. Clive Linley.”

Trocaram-se apertos de mão.

“O senhor é o compositor?”, perguntou Vera ou Mini.

“Sou, sim.”

“É uma grande honra, senhor Linley. Minha neta de onze anos estudou sua sonatina para o exame de violino, e realmente a adorou.”

“É muito bom saber disso.”

A ideia de que crianças tocavam sua música o fez se sentir ligeiramente deprimido.

“E este”, disse George, “também dos Estados Unidos, é Hart Pullman.”

“Hart Pullman. Finalmente. Lembra-se de que eu compus um arranjo para orquestra de jazz de seus poemas *Rage*?”

Pullman era um poeta *beat*, o último sobrevivente da geração de Kerouac. Parecia um lagarto enrugado e tinha dificuldade em dobrar o pescoço para encarar Clive. “Hoje em dia não lembro de porra nenhuma”, respondeu de forma simpática numa vozinha aguda e jovial. “Mas, se diz que fez isso, então acredito.”

“Mas se lembra da Molly”, disse Clive.

“Quem?” Pullman se manteve sério por dois segundos, depois soltou uma risadinha e apertou o antebraço de Clive com os dedos finos e brancos. “Ah, é claro”, disse na sua voz de Pernalonga. “Molly e eu nos conhecemos em 65, na East Village. Se me lembro dela? E como!”

Clive disfarçou sua inquietação enquanto fazia as contas. Ela completaria dezesseis anos em junho de 65. Por que nunca o mencionara? Sondou, em tom neutro.

“Ela foi lá passar o verão, não é mesmo?”

“Nada disso. Foi à minha festa da Décima Segunda Noite. Que mulher, hem, George?”

Então foi estupro de menor. Três anos antes dele. Molly nunca lhe havia falado de Hart Pullman. E ela não tinha comparecido à primeira noite de *Rage*? Não tinha ido depois para o restaurante? Ele não conseguia se lembrar. De porra nenhuma.

George lhe dera as costas para falar com as irmãs americanas. Decidindo que nada tinha a perder, Clive juntou as mãos em torno da boca e se abaixou para falar bem perto do ouvido de Pullman.

“Você nunca fodeu com a Molly, seu réptil mentiroso. Ela não ia se rebaixar tanto.”

Clive não tencionava se afastar, porque queria ouvir a res-

posta de Pullman, mas naquele justo instante dois grupos barulhentos se aproximaram pela direita e pela esquerda, um para dar pêsames a George, o outro para cumprimentar o poeta: num redemoinho de posições, ele se viu livre e já ganhando distância. Hart Pullman e a adolescente Molly. Enojado, abriu caminho em meio ao amontoado de gente e, chegando a uma pequena clareira, lá ficou misericordiosamente ignorado, observando os amigos e conhecidos absortos em suas conversas. Sentiu que era o único a sofrer realmente a falta de Molly. Talvez, se houvesse casado com ela, teria se comportado pior que George, não tolerando nem ao menos aquela reunião. Ou a impotência de Molly. Derrubando do pequeno frasco quadrado de plástico marrom trinta pílulas para dormir na palma da mão. O pilão e o almofariz, uma dose de uísque. Três colheres de uma pasta branco-amarelada. Ela o olhou ao bebê-la, como se soubesse. Com a mão esquerda Clive protegeu seu queixo para colher o que caísse. Abraçou-a enquanto ela dormia, e depois pelo resto da noite.

Ninguém mais sentia a falta dela. Olhou em volta, reparando nas pessoas presentes, muitas das quais da sua idade, da idade de Molly, tirando ou pondo um ou dois anos. Quão prósperos, quão influentes, como tinham todos florescido sob um governo que desprezavam havia quase dezessete anos! *Falando da minha geração*. Tanta energia, tanta sorte. Amamentados pelo Estado no imediato pós-guerra e depois sustentados pela prosperidade inocente e incerta de seus pais, até chegar à maturidade numa era de pleno emprego, novas universidades, belos livros de bolso, a idade de ouro do *rock & roll*, ideais passíveis de serem concretizados. Quando a escada desabou sob seus pés, quando o Estado parou de lhes dar de mamar e se tornou uma mãe rabugenta, eles já estavam a salvo, consolidados, prontos a se transformarem em formadores de opinião, de gostos ou de fortunas.

Ouviu uma mulher dizer alegremente: “Não sinto mais minhas mãos e meus pés, vou embora agora mesmo!”. Ao se virar, viu um homem moço que estava prestes a lhe tocar o ombro. Devia ter uns vinte e poucos anos, vestia um terno cinza sem sobretudo, e era careca ou tinha sido tosquiado.

“Senhor Linley, desculpe interromper seus pensamentos”, ele disse, afastando a mão.

Imaginando que se tratava de algum músico ou de alguém que viera lhe pedir um autógrafo, Clive assumiu uma expressão paciente. “Não faz mal.”

“Gostaria de saber se o senhor tem uns minutinhos para falar com o ministro das Relações Internacionais. Ele quer muito conhecê-lo.”

Clive franziu os lábios. Não queria ser apresentado a Julian Garmony, mas também não queria se dar o trabalho de esnobá-lo. Nada a fazer. “Mostre o caminho”, ele disse, e foi contornando grupos de amigos, alguns dos quais imaginaram para onde ele ia e tentaram afastá-lo do seu guia.

“Ei, Linley. É proibido falar com o inimigo!”

De fato um inimigo. O que a atraía? Era um sujeito de aparência estranha: cabeça grande, cabelo preto e ondulado (que era mesmo dele), tremenda palidez, lábios finos e nada sensuais. Ganhara um lugar ao sol na política com uma série banal de opiniões xenofóbicas e punitivas. A explicação de Vernon sempre fora simples: filho da puta famoso, bom de cama. Mas ela podia achar isso em qualquer lugar. Devia haver também o talento oculto que o fizera chegar aonde tinha chegado e que agora o impelia a desafiar o atual primeiro-ministro para lhe tomar o lugar.

O assistente conduziu Clive até um grupo em forma de ferradura no centro do qual Garmony aparentemente fazia um discurso ou contava alguma história. Ele se interrompeu para

apertar a mão de Clive e murmurar num tom intenso, como se estivessem a sós: “Faz muitos anos que desejo conhecê-lo”.

“Muito prazer.”

Garmony falou alto para ser ouvido pelos outros, dois dos quais eram jovens com o ar agradável mas claramente desonesto de jornalistas de coluna social. O ministro estava fazendo uma encenação e Clive era um acessório no palco. “Minha mulher conhece de cor algumas de suas composições para piano.”

Outra vez. Clive se perguntou se de fato era um talento tão domesticado e modesto quanto diziam seus críticos mais moços, quem sabe um Górecki para as pessoas inteligentes?

“Ela deve tocar bem”, ele disse.

Como fazia tempo que não ficava cara a cara com um político, Clive havia se esquecido dos movimentos dos olhos, da busca incessante por novos ouvintes ou fugitivos, pela aproximação de alguma figura mais poderosa, por alguma oportunidade que pudesse passar em brancas nuvens.

Garmony olhou a seu redor, confirmando que tinha uma audiência. “Ela era brilhante. Primeiro na Goldsmiths, depois no Guildhall. Uma carreira fabulosa pela frente...” Fez uma pausa para aumentar o efeito cômico. “E então me conheceu e optou pela medicina.”

Só o assistente e uma mulher de sua comitiva soltaram uma risadinha. Os jornalistas não reagiram. Talvez já tivessem ouvido aquilo antes.

O olhar do ministro das Relações Internacionais voltara a se fixar em Clive. “Há outra coisa. Quero lhe dar os parabéns por sua nova missão. *A Sinfonia do milênio*. Sabe que isso foi decidido em nível ministerial?”

“Ouvi dizer. E que o senhor votou em mim.”

Clive se permitira uma nota de enfado, porém Garmony reagiu como se houvesse recebido profusos agradecimentos. “Ora,

foi o mínimo que eu podia fazer. Alguns dos meus colegas preferiam aquele astro *pop*, o ex-Beatle. Seja o que for, como vai a coisa? Quase pronta?”

“Quase.”

Suas extremidades estavam entorpecidas havia meia hora, mas agora o frio atingiu o centro do corpo. No conforto de seu estúdio ele estaria em mangas de camisa, trabalhando nas páginas finais da sinfonia cuja *première* teria lugar dali a poucas semanas. Ele já deixara de cumprir dois prazos fatais, e só pensava em voltar para casa.

Estendeu a mão para Garmony. “Muito prazer em conhecê-lo. Preciso ir andando.”

Mas o ministro não lhe deu a mão, continuando a falar para os demais porque ainda havia alguma vantagem a extrair da presença do famoso compositor.

“Vocês sabem, muitas vezes penso que a liberdade que têm os artistas, como o senhor, de trabalhar sem nenhuma interferência é o que torna válido meu próprio trabalho...”

E por aí foi, na mesma linha, enquanto Clive o olhava fixamente, sem trair no semblante seu crescente asco. Ambos pertenciam à mesma geração. Suas altas funções haviam erodido a capacidade de falar normalmente com um estranho. Talvez fosse isto que Garmony dava a ela na cama, a excitação do impessoal. Um homem contorcendo-se em frente aos espelhos. Mas certamente ela preferia o calor emocional. Fique parado, assim, olhe para mim, realmente *olhe* para mim. Talvez não fosse mais que um simples erro, Molly e Garmony. Seja como for, Clive agora achava isso insuportável.

O ministro das Relações Internacionais chegou à conclusão. “São essas as tradições que fazem de nós o que somos.”

“Eu estava me perguntando”, disse Clive ao ex-amante de Molly, “se o senhor ainda é favorável à pena de morte por enforcamento.”

Garmony soube lidar com essa mudança radical, porém seus olhos se endureceram.

“Acho que a maioria das pessoas conhece minha opinião pessoal a esse respeito. No entanto, estou pronto a aceitar a opinião do Parlamento e a responsabilidade coletiva do gabinete.” Ele tinha encarado o desafio e agora desejava se fazer de cordial. Os dois jornalistas se aproximaram um pouco, com os blocos na mão.

“Soube que o senhor disse num discurso que Nelson Mandela merecia ser enforcado.”

Garmony, que devia visitar a África do Sul no mês seguinte, sorriu com toda a calma. O discurso fora recentemente desencavado, de forma bem safada, pelo jornal de Vernon. “Não acho razoável atacar as pessoas por algo que disseram quando eram estudantes universitários de cabeça quente.” Fez uma pausa para dar uma risadinha. “Quase trinta anos atrás. Aposto que o senhor mesmo já disse ou pensou algumas coisas bem chocantes.”

“Sem dúvida”, disse Clive. “Mas isso é que é importante. Se o senhor pudesse fazer o que queria naquela época, não haveria uma segunda chance.”

Garmony inclinou a cabeça ligeiramente, admitindo o argumento. “É um bom ponto. Mas, no mundo real, senhor Linley, nenhum sistema de justiça pode estar isento de erros humanos.”

O ministro fez então algo extraordinário, que destruiu de um golpe a teoria de Clive acerca dos efeitos das posições de mando e que, em retrospecto, ele foi obrigado a admirar. Garmony inclinou-se para a frente e, com o indicador e o polegar, pegou a gola do sobretudo de Clive, puxando-o para perto. Baixinho, para que ninguém mais o ouvisse, disse:

“Na última vez em que estive com Molly ela me disse que você está impotente e sempre foi.”

“Bobagem. Ela nunca disse isso.”

“Claro que você vai negar. De duas uma: podemos discutir isso em voz alta na frente daqueles senhores ali, ou você cala a boca e se despede direitinho. Agora vá se foder.”

A coisa foi dita de modo rápido e incisivo. Tão logo acabou de falar, Garmony endireitou o corpo e, com um largo sorriso, apertou a mão do compositor, dizendo ao assistente: “O senhor Linley teve a gentileza de aceitar meu convite para jantar”. Devia ser algum tipo de código, pois de imediato o assistente conduziu Clive para longe enquanto Garmony, lhe dando as costas, declarou aos jornalistas: “Um grande homem, Clive Linley. Expormos nossas diferenças e continuarmos amigos, esta é a essência da vida civilizada, não acham?”.